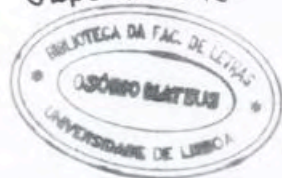


JAIME SALAZAR SAMPAIO TEATRO COMPLETO

II



UFL 071 00076



JAIME SALAZAR SAMPAIO TEATRO COMPLETO

II

MAGDALENA

IMPrensa NACIONAL-CASA DA MOEDA

ARRAIAL, ARRAIAL

Uma coisa é um escritor que produz um texto, e outra coisa é um escritor que produz um texto e se preocupa com a forma e o conteúdo. É o primeiro que se preocupa com a forma e o conteúdo, e o segundo que se preocupa com a forma e o conteúdo.

A relação da obra literária de Torres com a literatura é extremamente rica, e isso se deve ao fato de que ele não apenas escreve, mas também se preocupa com a forma e o conteúdo. Ele escreve com uma preocupação com a forma e o conteúdo, e isso se deve ao fato de que ele não apenas escreve, mas também se preocupa com a forma e o conteúdo.

Torres escreve com uma preocupação com a forma e o conteúdo, e isso se deve ao fato de que ele não apenas escreve, mas também se preocupa com a forma e o conteúdo. Ele escreve com uma preocupação com a forma e o conteúdo, e isso se deve ao fato de que ele não apenas escreve, mas também se preocupa com a forma e o conteúdo.

Uma coisa é um escritor que produz um texto, e outra coisa é um escritor que produz um texto e se preocupa com a forma e o conteúdo. É o primeiro que se preocupa com a forma e o conteúdo, e o segundo que se preocupa com a forma e o conteúdo.

Torres escreve com uma preocupação com a forma e o conteúdo, e isso se deve ao fato de que ele não apenas escreve, mas também se preocupa com a forma e o conteúdo. Ele escreve com uma preocupação com a forma e o conteúdo, e isso se deve ao fato de que ele não apenas escreve, mas também se preocupa com a forma e o conteúdo.

Uma coisa é um escritor que produz um texto, e outra coisa é um escritor que produz um texto e se preocupa com a forma e o conteúdo. É o primeiro que se preocupa com a forma e o conteúdo, e o segundo que se preocupa com a forma e o conteúdo.

Torres escreve com uma preocupação com a forma e o conteúdo, e isso se deve ao fato de que ele não apenas escreve, mas também se preocupa com a forma e o conteúdo. Ele escreve com uma preocupação com a forma e o conteúdo, e isso se deve ao fato de que ele não apenas escreve, mas também se preocupa com a forma e o conteúdo.

ARRAIAL, ARRAIAL

PERSONAGENS

EQUIPA DE FILMAGENS:

REALIZADOR

PRODUTORA

ASSISTENTE

DOCUMENTALISTA

ARGUMENTISTA

ANTÔNIO, idoso

JUSTINO, jovem

EDUARDA

PAULA

MARIA

DOMINGOS

1.ª LAVADEIRA

2.ª LAVADEIRA

JOSÉ E PORFÍRIO, trabalhadores rurais

SERAFIM

VERA

ROSA

DOIS CANTADORES

FIGURANTES

CENA 1

Uma «equipa de filmagens», ao serviço de uma firma estrangeira, prepara a realização de uma película sobre «um arraial minhoto»; não tendo porém chegado ainda à fase das filmagens.

A «equipa», que de momento pretende trabalhar sem ser identificada pela população local, atravessa, nesta cena, o terreiro do arraial. No espectáculo realizado pelo Teatro do Noroeste, o terreiro era constituído por um enorme estrado cobrindo a totalidade da plateia do Sá de Miranda, o que levava os espectadores a concentrarem-se nas frisas e nos camarotes.

A cena é muito breve, quase sem diálogos. A «equipa» acaba de chegar de Lisboa e procura encontrar um local de trabalho. Ouvem-se alguns resmungos a propósito das dificuldades do percurso e a «equipa» sai de cena.

O espectador, por enquanto, está como a população local: não sabe quem é aquela gente e desconhece os seus objectivos.

CENA 2

Um arraial «desfeito». Elementos do cenário, partidos ou derrubados, sugerem que algo de violento se deve ter passado.

Em cena dois homens: António, já de certa idade, franzino, mordaz e um tanto confuso; Justino, bastante mais jovem.

De início, os dois homens bebericam vinho verde, de malga na mão, junto a um pipo. António vai já adiantado na bebida. Algures, outros dois homens dormem. Só acordarão no fim da cena, ao ouvirem uma concertina. São os Cantadores.

JUSTINO (*designando o arraial «desfeito»*) — Um furacão!... Um verdadeiro furacão... (*Reparando que tem a malga vazia, aproxima-se do pipo. Porém, tem de esperar que António se abasteça e só depois consegue encher a malga.*) Você estava lá, quando isto começou? (*Sem dar tempo a António de lhe responder.*) Se calhar andava para aí entretido, de malga na mão... E quando Deus quer não deu por nada... Hem, Tio António? (*Começa a arrumar o arraial «desfeito».*)

ANTÓNIO (*em tom inesperadamente narrativo, depois de ter emborcado mais uma malga*) — O sol ia rijo. Eram três da tarde... (*Larga a malga. Pega num elemento do cenário e vai a colocá-lo no sítio mas logo se distrai, ficando imóvel. Após um momento de alheamento.*) Eu talvez andasse por aí, como tu dizes, de malga na mão... Mas sei muito bem como as coisas se passaram! (*Retomando, teimoso, a narrativa.*) O sino da Igreja Matriz acabara de dar as três badaladas... O sol... (*Notando a expressão irónica de Justino.*) Estás com vontade de rir?... Imagino o que se passa na tua cabeça: o velhote sabe lá o que diz... quando Deus quer, as três badaladas que ele diz que ouviu, não eram as da tarde mas as da madrugada... e o sol não estaria assim tão rijo... (*Teimando, com impaciência.*) Seja como for, o sino da Igreja Matriz... (*Imita três badaladas. Ao fazê-lo, tem um gesto largo e provoca uma verdadeira derrocada, inutilizando o trabalho de Justino.*)

JUSTINO (*furioso*) — E agora?... Está a ver o que você fez?... Eu bem me fartei de pedir um ajudante como deve ser... E em vez disso, vejam lá o que me calhou na rifa!... (*Em tom mais brando, directamente para Antônio.*) Então, Tio Antônio, você sabe muito bem que isto tem de estar em ordem para logo à noite... (*Volta ao trabalho, com redobrado ardor. Antônio ajuda-o, sem convicção. Um tempo.*)

ANTÔNIO (*largando o trabalho*) — O arraial seguia em bom andamento. O vinho escorregava pelas goelas abaixo... Cantava-se, dançava-se. (*Pausa.*) De súbito... o sangue começou a ferver e, em menos de um fósforo...

JUSTINO (*sem interromper o trabalho; num murmúrio*) — Um furacão... Um verdadeiro furacão.

ANTÔNIO (*aproximando-se de Justino*) — Quando um ódio velho, avivado por ofensas da última hora, faz falar os varapaus... (*Apanha do chão dois pedaços de um varapau partido e mostra-os a Justino.*) ... Não é preciso furacão nenhum para chegar a isto... (*Esboça o gesto de atirar os pedaços do varapau para longe mas, ao fazê-lo, põe de novo em perigo o trabalho de Justino.*)

JUSTINO (*tirando-lhe os pedaços de varapau da mão*) — Cuidado!... Veja lá o que faz! (*Ajuda-o a sentar-se num banco, longe do pipo.*) O melhor é ficar aí sentadinho à fresca... Eu quando precisar de ajuda, chamo por si.

ANTÔNIO (*sentado rigidamente no banco*) — Uma pessoa pensa que um ódio velho está morto e enterrado... Qual história: o que ele está é a dormir... E as mais das vezes tem o sono leve. (*Levanta-se, vai buscar a malga e enche-a no pipo. Volta para junto do banco, de malga na mão, mas nem bebe nem volta a sentar-se. Um tempo. Regressando ao tom narrativo, fala para longe, de frente para o público.*) Todos sabiam que os Sequeiras e os Amorins andavam de candeias às avessas... por causa de uma questão de regas... a partilha das águas num campo de milho. (*Pausa.*) Que naquela altura... já lá vai meio século, quase... muito boa gente andava às brigas pela mesma razão...

JUSTINO (*atarefado*) — Tio Antônio... Dê-me lá aqui uma mãozinha... (*Endireitam ambos um elemento do cenário.*) E não se apoquente com histórias antigas... Águas passadas não moem moinhos!

ANTÔNIO (*exaltado*) — Não moem? (*Abrangendo, com um gesto largo, o arraial «desfeito»*) Ai não que não moem! (*Bebe a malga, de um trago.*)

JUSTINO — Não misture as coisas... O que é que uma velha questão de regas tem a ver com esta zaragata, não sei quantos anos depois?



Este segundo volume
de *Teatro Completo* de Jaime Salazar Sampaio
foi composto e impresso nas oficinas gráficas
da *Imprensa Nacional-Casa da Moeda*
com uma tiragem de 1000 exemplares

Acabou de imprimir-se
em Setembro de mil novecentos e noventa e sete

CÓD. 205 153 000
ED. 4200095
ISBN 972.27.0863.5

DEP. LEGAL N.º 115 329/97